

Consumo de água volta a subir após crise hídrica

Sinal amarelo. Pelo segundo ano consecutivo, o gasto per capita aumentou na capital. Hoje, cada pessoa usa em média 129 litros por dia e, embora esse consumo seja menor que o do período pré-crise, é preciso ligar o alerta, pois as represas ainda não se recuperaram PÁG. 03

Após crise, paulistano volta a gastar mais água

Torneiras abertas. Consumo per capita na capital ainda está distante do período pré-escassez, mas já registra o segundo aumento consecutivo, passando de 121 para 129 litros. Especialistas veem falhas da população e do Estado. Represa ainda estão em alerta

A lição de que é necessário reduzir o consumo de água e poupar os recursos naturais, aprendida na marra durante a crise hídrica, começa dar sinais de que não foi completamente assimilada pelo paulistano.

Pelo segundo ano consecutivo, o gasto per capita subiu na capital. O consumo ainda é menor, e está até distante do período em que as represas quase secaram, mas já registra alta de 6,6%.

Em 2014, ano inicial da crise hídrica, o paulistano consumiu, em média, 153 litros de água por dia no primeiro semestre. No ano seguinte, o índice caiu para 121 litros. Em 2016, já com

a crise superada, o gasto subiu para 126 litros e, neste ano, cresceu novamente, passando para 129 litros. Os dados são de levantamento realizado pela Sabesp a pedido do Metro Jornal.

Erros dos dois lados

Pós-doutor em geociências pela **Unicamp**, Maurício Waldman afirmou que os números são questionáveis, pois há “uma aferição contábil, por faixa de consumo, e que despreza a perda de água.”

“Essa é uma questão, mas há outra e, de fato, há muita desinformação e mau comportamento das pessoas. Faltam também campanhas educativas, não só

110 litros

é o suficiente por dia para atender as necessidades básicas de uma pessoa, segundo a ONU. Com 129 litros, o paulistano gasta hoje mais 17% mais do que o a recomendação mundial

pedindo para fechar a torneira, mas que mostrem como podemos consumir alimentos com menor impacto hídrico ou como o lixo é o maior poluente das águas. Essas políticas públicas não são integradas.”

Porta-voz da Aliança pela Água, que reúne mais 70

organizações em prol da defesa dos recursos hídricos, Marussia Whately afirmou que a multa para os gastadores de água ajudou a criar as condições para a queda do consumo durante a crise hídrica, mas não se foi além.

“Em lugares com redução de consumo, foram feitos investimentos privados, como em prédios que se adaptaram para o reúso da água e que trocaram equipamentos, mas porque havia multa para quem gastasse mais água. Para que isso se mantivesse por mais tempo e fosse incorporado como política pública, era necessário uma reflexão sobre os padrões de consumo, que não houve.”

Análise da Sabesp

Na avaliação da Sabesp, “o paulistano colaborou com a redução no consumo de água durante o período da crise hídrica e incorporou alguns hábitos de economia no dia a dia, mesmo após a crise”.

Mesmo projetando que não haverá alta no consumo neste verão e que irá aumentar “a segurança hídrica” com um novo sistema produtor e uma interligação, a Sabesp reafirmou que “é essencial” que a população “faça uso racional da água, evitando desperdício”.

 **ANDRÉ VIEIRA**
FABIOLA SALANI
METRO

Pluviometria

Ano com chuvas acima da média

Apesar da seca de julho, sem sequer uma garoa, o ano de 2017 teve chuvas acima da média na capital em 8 dos 11 meses. O melhor resultado veio em maio, quando choveu 108% mais. Tradicionalmente úmido, dezembro deve terminar mais seco do que a média.

METRO

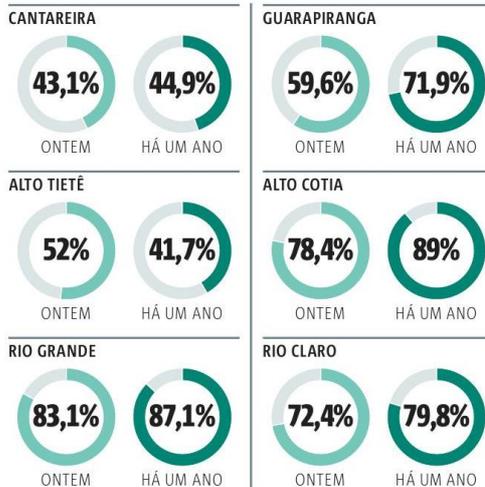
CONSUMO SUBINDO

Média diária de consumo de água por pessoa na capital no primeiro semestre (em litros)



RESERVATÓRIOS

Índice de armazenamento das represas (em %)



FONTES: SABESP

Mananciais ainda se recuperam

Mesmo que a crise hídrica tenha sido superada, de acordo com o próprio governo do Estado, e o volume de chuva tenha voltado para índices de normalidade, as represas ainda não se recuperaram em definitivo.

Dos seis sistemas produtores, quatro estão “mais secos” do que estavam há um ano e apenas dois têm mais água disponível (veja acima). O Guarapiranga tem hoje 12,3 pontos percentuais a menos de volume do que tinha no ano passado. O Cantareira, menos 2 pontos.

“O fantasma ainda existe e como os problemas estruturais não foram solucionados, uma nova crise hídrica pode ser ainda mais grave”, afirmou o pós-doutor em geociências pela **Unicamp** Maurício Waldman. Para a Sabesp, os mananciais estão com níveis “satisfatórios”.

Por necessidade ou consciência, boa parte da população passou a “cuidar” melhor da água, mas ainda quem não se importe. “Eu fiquei mais consciente depois da crise hídrica”, disse a cuidadora de idosos Dirleene Souza, 48 anos. “Eu voltei a agir como agia antes, não me preocupo muito”, afirmou o programador Alex Lima, 30 anos. METRO